



# Gaiato



4560 PENAFIEL  
TAXA PAGA

Quinzenário • 22 de Janeiro de 1994 • Ano L - N.º 1301 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



O Bruno Alberto da Casa do Gaiato de Moçambique

## Ecos d'África

As presenças de Leitores que hoje damos à estampa, sobram, já compostas, da última edição d'O GAIATO. Por isso aí vão. Mas elas são tantas — e todas com uma tal carga afectiva! — que eu desisto de rebuscar mais no grande saco em que as fui guardando, pois nem sei determinar-me na escolha nem há tempo para a fazer criteriosamente. Uma avalanche feliz que nos compensa, que especialmente há-de calar fundo no coração dos nossos que em terras de África dão o seu testemunho de fraternidade àqueles Povos tão sofridos que já não são capazes de receber remédio que não passe pela comunhão nos seus sofrimentos. Campanhas de coisas que aqui se angariam e se lhes mandam, são obra boa, sim, se não houver *segunda intenção* naqueles que as promovem. Mas a eficácia delas depende de haver lá quem garanta a sua justa entrega e a faça carinhosa, paciente-mente, por suas mãos, como quem ministra soro, gota a gota, aos profundamente definhados.

As nossas comunidades em Angola e Moçambique são *antenas* que captam e irradiam neste espírito que a vivência das realidades fortifica. Delas, de muitas outras *antenas* que inspirem confiança — é a maior falta. Se fosse tão fácil *angariar* pessoas que fossem e ficassem para servir, as coisas sempre seriam captadas na medida em que podem ser distribuídas e a distribuição, mais do que remediar uma fome imediata, iria produzindo uma ressurreição da Esperança e do sentido da vida — tal é a lição colhida nestes dois anos e meio em Massaca I.

Assim o entende alguém da Póvoa de Varzim que manda um cheque e acrescenta: *«Fiquei contente pelo nosso querido Padre Telmo ter conseguido vir cá. O Padre Zé Maria, Irmã Quitéria e outros também estão a fazer belíssima obra em Moçambique, dando trabalho, comida e Esperança a tantos nossos irmãos».*

Da Pontinha, na grande Lisboa, esta mensagem de saudade da «minha terra natal»:

*«Dentro desta carta, junto envio lembrança para a Casa de Malanje, minha terra natal.*

*A minha reforma é muito pequena, por isso esta minha contribuição não pode ser maior, mas é do fundo do meu coração.*

*Que 1994 seja um Ano com muita força, para poderem levar a bom termo tudo que tiverem planeado; e Deus vos recompense no Céu, pelo que tendes feito na Terra.»*

Continua na página 4

## MALANJE dia-a-dia

18/11/93

Uma organização trouxe leite num avião da PAM. Um grupo de crianças — sete a doze anos — rodeou os carros e foi apanhando os pingos de leite que caíram dos sacos. Logo, à boca. Aspecto e fisionomia geraram — em todos os presentes — uma sensação de desconforto...

Apanhei holecia com dois sucos no mesmo avião. Depois da descolagem indiquei, pelas vigias, a nossa Aldeia do Gaiato: as casas, capela, escolas, pecuária, campo de futebol, oficinas e as lagoas — espelhos de água no meio do verde da vegetação! A ressaltar, a terra lavrada de dois campos de milho. Falei-lhes no projecto — se houver paz — de lavras para as sanzalas. Em cada aldeia, os tractores irão lavrar um campo e abrir as mibangas. Será para eles só o plantar. Tão simples!

O que vem nos aviões, hoje come-se e amanhã já não há... Somente as sementes na terra fértil.

21/11/93

Dia de Cristo-Rei. Celebrei a santa Missa, às 9 horas, na Capela do bairro de Calemba — Luanda. Quando cheguei já a Capela estava cheia — ensaiando os cânticos.

À entrada, sentadinha no chão, uma menina de dois anos levava à boca a terra pisada... — Não faças isso, deita fora!

Os seus olhos redondos, indiferentes e calmos, não me responderam, e continuou mastigando. Carências profundas! O seu instinto dita-lhe, lá no íntimo, que o pão e os frutos vêm pela seiva. Sem pão e sem frutos ela vai à mãe-terra...

Depois, a celebração: Enquanto ouço as leituras, deleito-me na contemplação da acácia-rubra, bem florida, mesmo defronte à porta principal e a dar sombra à menina da terra.

As flores e os frutos! Se todas as crianças do mundo pudessem, com suas mãozinhas rechonchudas, colher as flores e os frutos... Porém, à volta desta Capela e neste bairro, apenas, esta acácia... De resto, montes de sucata, lixeiras e poças de água podre...

Um vazio indefinido no olhar profundo daquela criança!

24/11/93

O Manucho tem cinco anos. Andava pelos mercados comendo os restos caídos no chão, junto das vendedeiras de mandioca, do milho e dos fritos.

Todos os dias chora: *«Dói a barriga!»*. As suas lágrimas deixam dois riscos nas faces magrinhas.

Continua na página 4

## Património dos Pobres

### Uma visita

**N**AQUELE domingo, à tarde, o primeiro do ano, andei muitos quilómetros para visitar as duas famílias a viver no charco e na lama.

Viagem um tanto frustrada, pois não consegui visitar nenhuma delas. Estavam ambas isoladas pela água.

Soube que a casa dos nove filhos está quase pronta e fica muito airosa; e a outra, dos dez filhos, está à espera que a máquina possa ir preparar o terreno. Deixei aos vicentinos alguma roupa e uma lembrança de Ano Novo para as duas famílias e deixei a promessa de ajuda para que ambas tenham a sua casa.

Trouxe de lá notícia de que a mãe dos nove filhos traz o décimo no ventre. Fiquei triste por saber que vai nascer mais um ser humano, a criar em tão miseráveis condições, mas contente com a alegria daquele casal que terá mais um. *Os filhos são dom de Deus.*

### Outra visita

Sábado, no fim do almoço, Padre Júlio e eu fomos visitar vários centros de Pobres. Primeiro, um bairro do Património com oito lares e as casas a necessitar de obras de conservação. Eles não têm condições para fazer as despesas. O pároco já nos pediu um auxílio para as obras.

Dali fomos parar a outro concelho. Um casal novo anda a fazer a sua casinha. Foi o próprio que veio lembrar a carta, que tínhamos recebido dias antes, do pároco, a pedir a nossa colaboração para o telhado. Levou um cheque de trezentos. Os três agradeceram. Neste sábado de chuva andavam a trabalhar na construção da moradia. A alegria safa-lhes do rosto.

Partimos e fomos parar junto duma habitação nova — já telhada com a nossa partilha. É noutro concelho. Está por dividir e sem portas e janelas. Os pais vivem com os filhos na cave, divididos por uma cortina de

pano. Deixámos a esperança de uma ajuda para fechar a obra. Prometeram mandar-nos o orçamento e disseram que iam fazer as divisões. É um casal desempregado, embora ele esteja no Fundo do Desemprego. Aceitam, todos os dias, trabalho que apareça.

Estas visitas e promessas são feitas por todos os que nos lêem. São muitos os que se sentem incomodados! Eis um exemplo:

*«Envio cheque para que o dinheiro seja entregue a quem o deve vir a empregar na tal casa da família composta de dez filhos e os pais, doze pessoas. No meu Natal, com meu marido, sempre nos lembrámos qual seria o Natal desses nossos irmãos. Dentro da nossa dieta tivemos uma mesa do que era preciso. E eles? E tantos, tantos?! Desta vez, o nosso presépio foi essa família. Muito obrigados pelo vosso auxílio em nos ensinardes e ajudardes através do vosso jornal (que também é nosso) a fazer algum bem onde ele é preciso.»*

Padre Horácio

## Conferência de Paço de Sousa

**POBRES** — Como *tarimbeiros*, escorados no Mandamento Novo, não deixamos de ler e/ou escutar as *élites* com visão científica dos problemas dos Pobres a todos os níveis. Até porque o Mundo hoje é uma aldeia...

Num colóquio, algures, foi dito por um catedrático que «*existem em Portugal actualmente 2,5 milhões de Pobres*». Explicou, a seu modo, o conteúdo das expressões «*pobreza*» e «*exclusão social*», afirmando que a segunda «*tem mais razão de ser porque a pobreza não deriva só da falta de rendimentos mas tem a ver com a organização da sociedade*». Acrescentou mais: «*Entre os Pobres que existem em Portugal, cerca de 10% (duzentas mil pessoas) não têm sequer o necessário para uma alimentação suficiente, ou seja, passam alguma fome*».

Quando botámos os olhos à notícia — arquivada intencionalmente — procedemos a um balancete analítico (a vários graus) dos Pobres que passam por nossas mãos. Sentimos as carências dos pensionistas, idosos, sinistrados, desempregados, doentes de todo o género, e acamados, alguns excluídos da família que, em parte, por comodismo, alija responsabilidades — inatas no próprio sangue. Eis uma temática, muito concreta, muito oportuna, que poderiam sublinhar no homiliário às comunidades cristãs do País, especialmente agora que está em curso o Ano Internacional da Família. «*Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão.*»

**PARTILHA** — Assinante 231, do Porto: «*No caso de sobrar alguma importância (da assinatura d'O GAIATO), aplicarão na Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Fica à vossa consciência!*»

Espinho: a assinante 20856 envia, «*como habitualmente, um cheque para as necessidades dos Pobres, referente ao 2.º semestre de 1993.*»

Mais um cheque, agora de vinte contos, da assinante 13329, do Porto: «*Esta pequena importância farão o que melhor entenderem*». Outro, da assinante 24851, da Capital, com o seu voto recortado d'O GAIATO: «*Para os Pobres mais necessitados e em geral os mais envergonhados da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, que entregarão ou distribuirão — por minhas intenções.*»

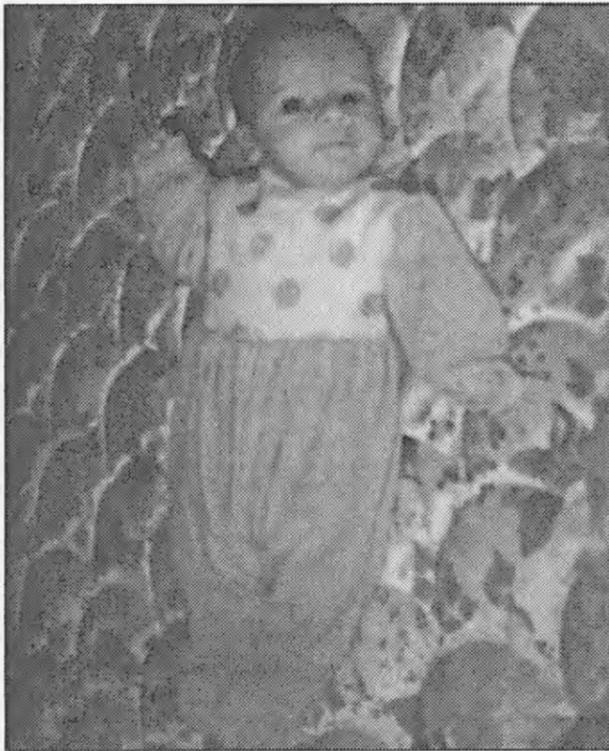
Cinco mil, da assinante 9893, de Lagoa (Macedo de Cavaleiros): «*Uma gota de água que não dá para matar a sede, mas é de bom coração*». A presença firme da assinante 31104, de Lisboa: «*Com espírito de Natal remeto o cheque para ser distribuído como habitualmente. Sózinha, roída de saudades pelos que me deixaram, rogo a Deus que por suas almas aceite esta oferta*. Ele sabe da nossa vida e é um Deus de Misericórdia!

Fechamos a coluna com a «*Partilha de Natal/93*» da Conferência de S. Cosme e S. Damião — 5.000\$00. Óbolo que tem um sabor especial. Trabalhamos com o mesmo espírito — servir os Pobres em nome do Senhor. Retribuímos, aos companheiros de jornada, as «*fraternais saudações com um abraço em Cristo Jesus*».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

# Pelas CASAS DO GAIATO



«A foto do meu filho, recém-nascido. Chama-se João Pedro. O seu nascimento foi o dia mais feliz da minha vida. É o maior tesouro que tenho. Deus mo deu na melhor altura! — Fernandinho.»

## Notícias de Moçambique

**OBRAS** — A casa, que habitamos, está a ficar bonita! Estamos a pintá-la e a fazer os acabamentos para passarmos o Natal mais arranjadinhos...

**SERRALHARIA** — Os serralheiros não perdem tempo. Todos querem mostrar que já sabem fazer alguma coisa. Enquanto o mestre, e mais um, adianta as asnas, os rapazes colocam chapas.

**VIVEIROS** — Temos um grande viveiro, graças a uma engenheira espanhola que nos tem ajudado muito. Algumas plantas estão sendo preparadas para a população, pois não têm árvores de fruto nem de sombra.

Alunos da 5.ª Classe

## Associação da Comunidade O GAIATO - Setúbal

Foi bonita, simples, a nossa Festa de Natal, com a presença de casais gaiatos e seus filhos.

Vieram de vários pontos do País. As saudades eram muitas. Abraços e beijos. Conseguimos, nós todos, construir o nosso presépio, a festa de família dos antigos gaiatos.

A Direcção empenhada na promoção e realização; o Zé Manel com aquele jeitinho (como ele sabe), desenhou, pintou e fez o desenho no pano de fundo, do painel de Belém. Todos os elementos tiveram oportunidade de revelar os seus talentos artísticos.

Mais: houve artistas que nos ajudaram a preencher o espectáculo com canções, poemas, histórias. A sala de jogos — no Lar do Gaiato — esgotada. Uma festa de luz!

Os nossos filhos, principalmente os mais pequeninos e reguilas, com os olhinhos fisgados em direcção ao



O cenário da festa de família de antigos gaiatos de Setúbal. Os talentos de Ana Severo, Cátia Luz, Ana Viegas, Paulo Luz, Helena Cristina e locutor Viegas.

pinheiro de Natal, onde se encontravam as prendas debaixo da árvore, diziam: — *Ainda falta muito para receber a minha prenda?!*

No fim, servimos uma pequena merenda. Um pouco de tudo. Foi o convívio da Festa de Natal.

Desejo, de todo o coração, que o 1994 seja para todos um Cântico Novo.

Américo Correia

## PAÇO DE SOUSA

**AULAS** — Mais aulas e menos saudades! Foi assim que os nossos rapazes começaram os primeiros dias de estudo, depois de alguns terem ido a casa, no Ano Novo. Entraram no portão com muita alegria e com mais força para estudar.

**OBRAS** — Têm continuado. Depois da renovação da copa, resolveram pôr um chão novo no corredor que dá para a sala dos cicerones.

No ano em curso prosseguirão as obras em nossa Adeia.

**OFICINAS** — As nossas oficinas têm muito trabalho, principalmente a carpintaria e a tipografia.

Neste momento os trabalhadores são poucos. O «Vítinho» sofre um problema grave num joelho e é menos um impressor!

«Amarante»

**SALA DE JOGOS** — O nosso Padre Júlio preparou uma sala de jogos. A malta, quando soube, encheu-se de alegria no coração. Servirá para nos ocupar os tempos livres porque há trabalho a fazer na comunidade...

**ROUPARIA/LAVANDARIA** — As senhoras da lavanderia andam muito tristes porque a roupa não seca com este tempo húmido. Na rouparia aparece sempre dela para compor. Os miúdos sujam-se muito!

Esperamos que chegue o abençoado sol para secar o nosso vestuário.

Ganhão

**CASOS** — Os problemas não acontecem só fora de nossa Casa. Em todo lado há casos. Uns graves, outros não. Com o decorrer do tempo, vão aumentando a nível mundial.

Há um mês, a nossa Capela foi assaltada, concretamente o cofre. Ninguém sabe quem foi. Alguns apontam o dedo a outros, sem saberem a verdade. Isto é um problema grave no seio da comunidade. Todos nós somos responsáveis pelos problemas que há em nossas Casas.

Os chefes que tomem mais atenção aos rapazes. Alguns bem precisam duma *mãozada* para, mais tarde, singrarem na vida.

O Nunó foi embora. Não cumpria o horário de trabalho. Era carpinteiro.

Temos que ser mais responsáveis pelo que fazemos. Por vezes não sabemos onde metemos a cabeça... Deus permita que ele consiga ultrapassar os escolhos que surgirem pela frente. Boa sorte.

**CHUVA** — A Aldeia não tem sido poupada às chuvas torrenciais. Os campos enlameados, árvores, paus e folhas derrubados. Em frente da tipografia caíu uma árvore bonita. Não conseguiu resistir aos abanões do vento forte!

**DESPORTO** — O nosso futebol tem mantido um ritmo de boa forma. No dia 8 de

Janeiro, defrontámos uma equipa de Baltar. Jogo muito disputado e também com alguma dureza. A chuva não impediu que praticássemos um razoável espectáculo. Resultado final: 4-4.

Repórter X

## LAR DO PORTO

### CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

Em resposta a uma Amiga que escreveu a perguntar quantos vicentinos somos, em nossa Conferência de S. Francisco de Assis, e quantos irmãos visitamos, respondemos que somos doze e fazemos duas visitas mensais, a casa de cada um. Além dessas, depende das necessidades de cada família. Alturas há, que vamos lá todas as semanas.

Quanto ao número de pessoas assistidas é difícil dizer ao certo; além das que temos a nosso cargo, aparecem sempre muitos isolados.

Nós não temos arquivo nem nos preocupamos com números. Vão-se tentando solucionar os problemas e o nosso Contabilista sabe ao certo tudo o que fazemos, pois trabalhamos para Ele.

Este ano, na festinha de Natal tivemos noventa e cinco pessoas; isto, porque nos morreu uma velhinha que bem falta fez, visto ser ela o apoio moral da família em que estava inserida. Estas noventa e cinco pessoas, a maioria são idosos e crianças visitados por nós todo o ano duas vezes por mês. Pena temos de não poder ajudar muitos mais, mas é humanamente impossível, porque além da parte material que levamos, e que é importante para eles, o que mais necessitam é outro tipo de apoio, e esse ocupa muito tempo a cada um de nós. E o tempo escasseia...

### CAMPANHA TENHA O SEU POBRE

Assinante 23312, manda 20.000\$00; mais 30.000\$00, de Bernardino Lamas; 5.000\$00, de M. Beatriz. No nosso Lar recebemos 2.000\$00 da assinante 26302. E 5.000\$00 de Margarida; anónimo, 10.000\$00; 3.000\$00 mais uma cartinha que a dada altura diz: «Deus tocou-me e pediu para retirar da minha pequena pensão de invalidez 3.000\$00 para a Conferência de S. Francisco de Assis». O Pai do Céu não esquece este gesto. Assinante 44842, 5.000\$00; assinante 47518, 10.000\$00; da Holanda, 7.000\$00. Obrigados pelas suas palavras — que lemos e meditamos com muito interesse.

5.000\$00, de anónimo; assinante 60013, 5.000\$00. Um grande beijo de todos nós. Assinante 22914, 5.000\$00; 30.000\$00 de M. M.; de J. R. R. 5.000\$00; anónimo, mil; M. Isabel, 10.000\$00; 5.000\$00 de M. Amélia; José D'Eça, 10.000\$00; Lígia, 15.000\$00; Renato, 5.000\$00. «Em agradecimento a S. Francisco de Assis envio esta verba (2.000\$00) para ajudar o Natal dos idosos pobres. Eu também sou idosa e muito pobre e avalio muito bem o que essas pessoas sofrem». Assinante 7969, 5.000\$00.

A nossa Conferência agradece a todos os que, durante o ano, não a esqueceram; e, em nosso nome e dos irmãos mais necessitados, pedimos ao Pai do Céu que vos dê um ano bom, cheio de bênçãos, alegria e muita Paz.

Conferência S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO

Uma vicentina

# Campanha de Assinaturas

## O acolhimento nas Igrejas do Porto foi um dos valores que muito apreciámos

Terminou ontem, na Capela das Almas, a nossa passagem pelas Igrejas do Porto onde os nossos rapazes distribuíam O GAIATO. De agora em diante, salvo um ou outro que ainda não acabou a sua campanha nas zonas da cidade que lhe estavam designadas, a venda do jornal ficará cingida à sexta-feira, nas Empresas que de há muito visitam e onde o relacionamento de cada um com os seus clientes é mais profundo e constitui um valor que muito prezamos e agradecemos pelo carinho em que os rapazes são envolvidos. Que eles o mereçam, não só a título pessoal, mas em representação de todos os irmãos que ficam em casa. E que as senhoras e senhores que assim os acolhem, os ajudem a crescer e não os estraguem com mimos.

A passagem pelas Igrejas da Cidade (aliás ainda não terminada e a continuar até à última) foi outro valor que muito apreciámos. O acolhimento deus-nos muita consolação e muita força. Há cerca de quinze anos que não íamos por lá — mesmo a algumas comunidades que antes costumávamos visitar anualmente — e soube-nos bem o «veja lá!, agora não demore tanto a voltar», que escutámos de alguns irmãos no sacerdócio. Esperamos que assim há-de ser. Um bem-haja a todos.

A colheita também nos satisfaz. Entre os recolhidos nas Missas dominicais e pelos rapazes nos seus lugares de venda, somámos 4498 Assinantes novos que vêm engrandecer a nossa «família de fora» e enriquecer a força que ela representa, para nós, a «família de dentro». É mesmo este progresso qualitativo o que mais nos enleva. Três testemunhos:

«Amigos: Desejo que se encontrem bem de saúde, assim como toda essa imensa família que também é minha, pois que estou ligada a vós pelo vosso mensageiro. Venho pagar a minha dívida, apesar de que Ele não tem preço. O pouco que crescer, é para as imensas necessidades que têm. Não é preciso dizer nada; eu logo vejo na conta.»

«A vossa campanha resultou! Sem presunção, porque me tenho por pessoa normal e comum, o que se passou comigo deve ter-se passado com muita gente (e queira Deus que sim). Há anos que, na saída da Missa dominical, minha mulher comprava O GAIATO. Bom, depois, já no carro e ao longo do dia, ele ia acompanhando os movimentos da viatura e muitas vezes se perdia debaixo do banco, no porta-luvas, sabe-se lá onde. Muitas vezes nem os olhos lhe punha em cima!

Com a sua entrada em casa, tudo é diferente. Porquê, já o sabem. É óbvio. Lê-se. Desperta. Agita. Incomoda. Torna-se num autêntico fuzil, muito pior que este, pois acerta sempre e de que maneira. Bem haja pela iniciativa. Na parte que me toca, ele agiu como forte pancada que nos abre o coração para o mundo.»

## Perguntas e respostas

Outro, em P. S. a uma carta com várias perguntas, às quais, por serem muitas vezes repetidas, aproveito responder:

- Como é o pagamento: anual...?
- Sim, mas deixamos sempre isso ao cuidado do leitor.
- Qual a importância?
- Não gostamos de responder, antes preferimos deixar o leitor livre quanto a ela. Aceitamos o que nos dão, mas estamos contabilizando, neste momento, 750\$000/ano.
- A quem devo dirigir o cheque?
- Cheque ou vale, em nome da Casa do Gaiato, ou O GAIATO, e

dirigido a uma das nossas Casas. E agora vamos lá ao post-scriptum:

«Querida dizer-vos que, contrariamente ao que fazia dantes, agora leio O GAIATO quase na totalidade, apreciando-o muitíssimo.»

## Objectivos da Campanha

Ora eis um dos grandes objectivos da Campanha e parece que conseguido: mais leitores, sim, mas vivos, interessados, participantes. Como este, a torcer por mais e melhor: «Vão desculpar-me uma censura. Inscrevi-me como assinante à saída da Missa da Lapa. Vi, com alguma tristeza, que eu era o segundo nome do caderno, e enquanto o escrevi devem ter passado muitas pessoas que nem se aperceberam, e talvez algumas que teriam vontade de se inscrever. Falha de marketing.»

Nós não desculpamos a censura; agradecemos, mas é, o zelo amigo que a dita. E queremos esclarecer o nosso correspondente e sossegá-lo. A nossa Obra e marketing são realidades incompatíveis... E nem sequer lhe sentimos a falta. Sabe quantos Assinantes novos se inscreveram na Lapa?... Quinhentos e oitenta e oito. Mais uma dúzia e era a continha certa dos seiscentos!

E fecho com este desabafo de um Manuel que, seguindo de perto a nossa vida pela leitura do Famoso, põe o acento no sítio certo:

«Tenho plena consciência de que nem sempre as principais dificuldades e preocupações se resumem ao problema material; se calhar, muito pelo contrário. No entanto, é esta a forma possível que tenho de ajudar os mais desprotegidos da nossa sociedade, que infelizmente são cada vez mais.»

É isso mesmo: para além dos problemas materiais, «outros valores mais altos se levantam».

Padre Carlos

calceteiro empedraram parte das ruas, em volta das oficinas.

**CARAS NOVAS** — Após o Emelson, acolhemos mais dois rapazes. Um, muito doente, não pôde passar o Natal conosco; o outro veio depois do Natal. Estão muito felizes por terem uma Família nova.

Joaquim M. F. Pinto

## MIRANDA DO CORVO

**ANIVERSÁRIO** — A Casa-Mãe, de Miranda do Corvo, completou 54 anos e sempre acolheu muitos rapazes. Graças à Obra — que Pai Américo fundou — muitos rapazes que por aqui passaram não seriam o que são hoje. Por tudo, agradecemos a Pai Américo.

**AVES** — Conseguiram apanhar um belo milhafre. Mas, infelizmente, o «Sica» deixou-o morrer por falta de comida. Os rapazes sentiram a perda da ave. Em compensação, nasceu um lindo pato amarelo.

**OFERTAS** — Tivemos um Natal muito cheio, graças a Deus. A Escola de D. Maria, em

Coimbra, ofereceu muitos bolos e muitos sumos. A dos Olivais, e o sector de Raio X do Hospital da Universidade também ofereceram muita coisa. Abundância de cartas, cheques, roupas e outras coisas. Uma senhora, de Leiria, todos os anos pelo Natal

e pela Páscoa, dá uma peça de roupa nova a todos. Outra, de Coimbra, ofereceu umas calças ao nosso Padre João, um par de meias e cuecas a cada um e almofadas para as caminhas.

Frederico

## TOJAL

**NATAL** — Cada um teve a sua prenda — oferecida por pessoas amigas: uma caixa de rebuçados e chocolates. Os mais velhos, também perfumes. E os «Batatinhas», brinquedos.

**PRESEPIOS** — Quando as pessoas visitavam a nossa Casa exclamavam: — Como puderam ter feito esta obra d'arte?! O cicerone, sorrindo, dizia: — Foram os chefes e alguns rapazes. Os enfeites existiam já nas gavetas e os presepios também, com musgo do nosso olival e bonequinhos.

**PASSAGEM D'ANO** — Muitos foram passar o Ano Novo junto das famílias. Puderam matar saudades. Os que não, tiveram o prazer de ir ao cinema e ao teatro.

**ESCOLAS** — As notas não convenceram muito o nosso Padre Cristóvão. Houve muitas negativas. Mas, apesar disso, ainda existe muita fé para o segundo período, o mais decisivo. Temos de nos esforçar!

**OBRAS** — Antes do Natal os nossos rapazes e o mestre

## DOCTRINA



Quem não é por Mim, é contra Mim. Do EVANGELHO

A hora do jornal aperta e não me dá tempo para contar os trabalhos da semana a bem da gente e da Obra da Rua. Vai pois unicamente um pequenino pensamento para não deixar ir a página em branco; e seja ele a bem dos que esperam e procuram este cantinho do Correio de Coimbra com muita solicitude.

NÃO leias jornais do dia, nem ouças opiniões nem proclames com fervor o chefe que mais agrada, que o cisco e a poeira dos caminhos não merecem a ninguém o quebrar lanças nem terçar armas — e os chefes são cisco! Não seas de Pedro, nem de Apolo nem de Paulo nem de ninguém, mas sim somente de Cristo, por Quem muito quisera que te apaixonasses.

SOPRA as cinzas das palavras e dos feitos dos chamados grandes das nações e verás que nada mais se aproveita senão o mal que fazem. «Eles vêm para matar», como disse o Mestre. Pois tu não vês que por mando deles já o céu não é firmamento de estrelas nem pátria de passarinhos, mas sim o quartel-general da morte?! (referência à II Guerra Mundial)

JÁ não valem refúgios, nem abrigos nem caves nem tocas — nada. O único refúgio é justamente aquele que ninguém procura e que muitos escorraçam — Jesus Cristo; ocupados como andam em defender cada um seus bens e aplaudir cada um seu chefe. É o delírio das derrocadas.

TU, não. Abriga-te no Evangelho: «Eu vim para salvar», disse o Senhor. Todo o triunfo que não assente nos Seus ensinamentos é naufrágio e naufragos os triunfadores. Deixa-me semear na tua alma confiança, certeza, alegria, paz. Olha como desliza a vida em plena imutabilidade, naqueles pontos onde o homem não pode chegar! Como se despedem as estações, as sementeiras germinam, as folhas das árvores caem, a noite dorme! A criança brinca tranquila e a gente acaba os dias na majestade da morte!

SE assim se passam as coisas na vida da Natureza, com muito mais razão na nossa, que temos recursos divinos. O Reino de Deus está dentro de cada um. Nós temos voz activa; e se não podemos afastar da nossa vida interior o grande mal das guerras, podemos, seguramente, tirar dele um grande bem, cada um para si. Abriga-te no Evangelho. Os que matam e flagelam e destroem não têm poder nenhum sobre a tua alma — nenhum.

Padre Américo

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

# A FAMÍLIA

## O Matrimónio indissolúvel

A ONU e a Igreja acordaram com o tema FAMÍLIA para reflexão deste ano de 1994.

Falando para uma assembleia no Vaticano o Papa apelou para que se volte a descobrir o valor da Família.

Disse o Santo Padre: «Hoje, mais que nunca, é urgente voltar a descobrir a família, essa comunidade baseada no Matrimónio indissolúvel de um homem e de uma mulher que no amor fundem as suas existências e se abrem ao dom da vida.»

Uma família sã contribui para uma Sociedade sã. Uma boa Sociedade é constituída por boas famílias.

Famílias sem outros interesses que não sejam o amor. Não às famílias de experiência.

Nas Casas do Gaiato há tantos órfãos com os pais vivos, mas separados!...

O Padre Américo preocupou-se sempre que as Casas do Gaiato fossem famílias. O nome de Pai veio dos rapazes, espontaneamente. O

modelo é a Família de Nazaré. Por isso, deixou escrito: «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão».

## Uma prova familiar

A vida das nossas Casas é vida de família. Os rapazes são educados neste sistema. As reuniões que fazem dão este testemunho.

Recordo a última reunião no primeiro dia deste ano. Juntaram-se muitos casais com os filhos. Alguns trouxeram as suas prendas. Depois da Eucaristia, muitos foram para a cozinha preparar e servir a refeição.

No fim, as mulheres deles arrumaram a sala e lavaram a loiça. Os outros foram para o bar ou organizaram grupos de jogos. Os filhos foram brincar para os vários parques. Ao fim da tarde todos se despediram amorosamente.

Hoje a vida de família tem de ser assim. Todos os elementos a ajudar. Assim há harmonia.

Padre Horácio

## Uma carta

«Os nossos corações sentem, com mais ardor, vontade de enviar uma palavra de conforto e de coragem para enfrentardes as dificuldades.»

Quero enviar uma mensagem de muito amor e muita Paz para todos, pedindo ao nosso bom Deus que vos ajude nessa tão difícil missão, nessa Obra que devia ser de todos nós mas que, infelizmente, nos esquecemos que também pertencemos a esta sociedade da qual, duma maneira ou doutra, somos responsáveis.

Assinante 22855»

# MALANJE dia-a-dia

Continuação da página 1

É um menino triste. Não teve até agora razões para a alegria. Desconhecia os gestos de carinho. No primeiro dia que veio, somente um sorriso — esboço de sorriso! — quando lhe dei um rebuçado.

Encosta-se à parede do corredor e olha-me em silêncio... Em cada rebuçado há um mundo que ele vai descobrindo.

1/12/93

Bem patente e nítida a marginalização de José e Maria no primeiro Natal em Belém. Marginalizados, na busca aflitiva dum lugar, tiveram de refugiar-se na gruta.

Jesus escolheu dois corações pobres e ali — num simples curral — nasceu entre o seu carinho e o bafo de animais.

Natais felizes das aldeias transmontanas!, porque, sempre, com alicerce no coração dos pobres: Recordo que minha mãe e as outras mães iam, um dia antes, à tulha das batatas, à tulha do azeite e aos presuntos do porco e dali repartiam com os mais necessitados do lugar. No coração deles, o nosso presépio e árvore de Natal.

Não procuremos o Natal na abundância de brinquedos, fartura da mesa ou nossa sufi-

ciência... Mas o verdadeiro, na comunhão de bens e sentimento com os mais pobres e marginalizados.

10/12/93

Vi hoje o Martins Sate: Trinta e cinco anos, sumido e com olhar de cordeiro ferido. A sua casa é um quarto com paredes e chão de terra. Dois cobertores velhos e amarfanhados em cima do luando, onde a família dorme. Mulher e filhos pequenos sentados no chão. Não se vê sinal de comida. Impressionam e magoam os olhos mortiços das crianças. Não tem vencimento nem lavra. O que recebe das organizações, mal chega para oito dias. A seguir, mergulha na incerteza e na fome. Como ele, centenas e centenas de famílias.

Jer. 14, 18: «Se saio aos campos, eis que encontro homens atravessados pela espada; se regresso à cidade, eis que vejo outros dizimados pela tortura da fome».

12/12/93

O Filipe tem três filhos ainda pequenos. Fomos, hoje, pedir para eles comerem numa das cozinhas da «Concern». Que sim, e colocaram-lhes no pulso magrinho uma pulsei-

rinha azul. É o sinal que dá entrada. Pulseira azul, igual a quatro refeições por dia. Nota-se logo nas crianças...

O Filipe não tem onde «reclinar a cabeça», como Cristo-sofredor. Come conosco de manhã e ao almoço. — *O meu garfo é aquele...* Ninguém lhe disse, mas sabe como estão os seus pulmões.

Lam. 2, 12: «Onde haverá pão e vinho? — diziam eles às mães, enquanto, como feridos de morte, iam desfalecendo nas praças da cidade entregando a alma no regaço materno».

15/12/93

Outra vez o Manucho, de quem já aqui falámos: Carente, carente... Só o regaço fofo duma mãe! Que candeia luminosa para encontrá-la?! Talvez esta luz imaginada chegue um dia ao teu coração... Sim, o Manucho quer uma atenção constante. Quando esta falha, chora. Ontem, levei-o aos recados. Hoje, logo de manhã: «*Quero passear*». Consta-nos que um irmão (não sabemos se existe e onde) lhe dava droga. De facto ele está sempre ansioso e nada o satisfaz. Com seis anos, andava sózinho pela cidade e pela noite... Hoje já partilhou alguns sorrisos com o «topogigio». Sinal verde.

25/12/93

Natal!  
O Amor de Deus que se fez pobre como nós!

Pobre como o irmãozito do nosso Inácio, que ontem levámos a uma cozinha onde dão papa de soja. Quase se não vê nas costas da mãe — de tão pequeno e magro...

Pobre como o velho Quinvula que sofre de asma e juntamente com a ânsia do ar, sofre a dor da família a definhar dia-a-dia...

Pobre como o Moisés. Só tem uma perna. Anda distâncias com a sua muleta. Pediu trabalho. Tem cinco filhos. Fomos a casa dele. Não se pode ser mais pobre... O que tem, cabe num cesto de vindima!

Presépios bonitos!  
Brinquedos sem medida nos enfeites das árvores!

Nada... Não dá para pensar. Somente, bem vivo dentro de nós, o desejo da paz.

Quem é insensível à morte dos inocentes?  
As vozes dos que já morreram clamam das profundezas das covas!

As vozes dos que sofrem chamam do interior triste de todas as cubatas!

Um dia será a Justiça de Deus!

Padre Telmo

## O carinho que nos rodeou

O decorrer dos dias já fez passar à frente o tempo de Natal. Ficou apenas o que aprendemos e seremos capazes de guardar no nosso coração. Guardo para mim uma enorme gratidão face ao carinho que nos rodeou. Através de tantos Amigos tudo foi uma bênção. O nosso muito obrigado. Transcrevo uma pequenina carta: «Tenho 82 anos. Estou acamada depois de longo internamento hospitalar. Só me levantei para escrever esta carta e mandar um donativo porque não quero que nada falte aos nossos meninos no Natal». Deus seja louvado! Na véspera de Natal chega uma senhora: «Venho trazer o meu contributo para a Ceia de Natal. Em nossa casa, nesta noite, há sempre um lugar posto que fica vazio. Toda a família sabe que é o lugar da Casa do Gaiato». Deus nos ajude a

## ENCONTROS em Lisboa

sermos fiéis e a merecermos tanto carinho e devoção.

Desde há vários anos que ponho no presépio um sapatinho muito especial à espera de uma dádiva também muito especial. Parece demorar. Deus lá sabe porquê. Talvez nos queira purificar um pouco a fim de nos tornarmos merecedores de pessoas que queiram fazer da sua vida uma dádiva e tornar o seu coração num berço que acolha aqueles que esperam uma mãe, um pai, um irmão ou irmã.

Com o Natal vieram também alguns amargos de boca. O primeiro período chegou ao fim e os frutos não foram muito bons. Tentam consolar-me dizendo que o mal escolar é geral. Isso não me conforma.

Percebo as dificuldades que a implementação de uma reforma educativa implica, mas estou em crer que não é pela facilidade que se consegue atingir objectivos superiores. Creio também que uma boa reforma educativa não é aquela que, na sua versatilidade, se consegue adaptar melhor às realidades existentes, para as transformar. É patente nesta reforma essa falta de adaptação e algumas das minhas dores de cabeça decorrem daí. Com efeito, apresentar depois do sexto ano apenas uma via de ensino é errado em muitos casos. Estou certo que se conseguiriam melhores resultados se a via profissionalizante fosse aberta mais cedo. Três dos meus rapazes que estão no

sétimo ano teriam um óptimo aproveitamento numa via profissionalizante. Assim, vejo-os partir para as aulas carregados com o peso dos livros e voltar tristes porque o dia não os ajudou muito, sentindo a desilusão do tempo que passa. Talvez, com mais calma, volte ao assunto dado que nos interessa a nós e interessa também um bom número de jovens, normalmente dos bairros mais pobres. Um, dizia-me: «Tenho 18 anos. Nem consegui tirar o nono nem sei fazer nada!» Um aluno insatisfeito numa escola nunca será colaborante e disciplinado. Faltam-lhe as motivações para estar naquele local

Quando nos escreverem e forem assinantes é favor enviar a etiqueta que vai com a direcção ou então enviar o nome como vai no jornal e o número de assinante. Pouparíamos algumas horas de procura sempre incerta. Obrigado.

Padre Manuel Cristóvão

## PASSO A PASSO

Venho de passar pela casa 4 de cima, como lhe chamamos. Um dos seus habitantes vieram-me dizer que a casa estava muito suja e que o chefe dela não estava. Como as portas estão sempre abertas e os visitantes vão entrando para conhecer as instalações, daí surgir a preocupação pela falta de limpeza.

Tem sido um trabalho cansativo procurar que eles tenham gosto pelas coisas e por essa razão tomem a iniciativa de as cuidarem.

Neste sentido se aproveitaram as férias do Natal para os lançar em diversos trabalhos a que não estavam muito habituados. Assim coube ao «Ruca» e ao Dénis a limpeza e pintura de uma sala, que será de jogos de computador, para funcionar aos fins-de-semana. Uma outra equipa, de cinco rapazes, ocupou-se a limar alguns dos baloiços dos «Batatinhas» e a pintá-los com primário. Na casa 3 de cima e na casa 4 de cima, grupos de dois rapazes caíram camaratas e viram como ficou ainda muito por fazer...

Tudo serviu para aprenderem e realizarem novas tarefas. Isto é importante? Sem dúvida! Mas não é o que mais importa! Antes sim, que todos sintam as coisas da Casa como suas. Daqui à responsabilização, vai um pequeno passo.

Disse que venho de passar pela casa 4 de cima; fui lá instado pelo Carlitos, para ver o estado da limpeza da mesma. E que vi eu? O Marco agarrado à vassoura a varrer as escadas; o «Barata» e o Ivo a limparem o chão com um pano molhado; e um outro a chamar os que estavam a ver televisão para virem ajudar! — Porque estais a fazer limpeza?, perguntei. — *Porque nos apeteceu!*, responde um, de pronto.

Isto sim, isto é importante! Sem chefe, sem padre, sem senhora a mandar, os rapazes vêem que a sua casa não está em condições e tomam a iniciativa de melhorar o estado das coisas.

Isto sim, isto é construir família. Para além de muitos outros aspectos necessários, também o factor ambiental, as condições físicas das construções que habitamos, são meio fundamental para ajudar a crescer o espírito incarnado que cada um de nós é. Meio e não fim, para que a todos chegue o suficiente.

Dá-nos por isso Senhor, o pão nosso de cada dia. Que o recebamos e comamos com gosto e assim do nosso coração brotem acções de graças pela Tua presença, sem a qual não teria sentido o nosso agir.

Queremos pois continuar pobres, sim! Pobres como nos ensinaste a viver! Por isso habitando numa Casa bonita, feita pelas nossas mãos, obra construída pela beleza do nosso querer, terreno onde a «Seara» pode crescer.

E assim continuarmos a edificar a família que constituímos, trabalho nosso acabado, que só pode resistir contra as tempestades dos tempos se alicerçada e vivificada por Ti.

Padre Júlio

## ECOS D'ÁFRICA

Continuação da página 1

E vejam este requinte de memória e de ternura de que nos chega sinal de Feijó-Almada:

«O ano passado, na época do Natal, li no vosso jornal que em Angola um dos vossos Padres não tinha sequer um rebuçado para dar a um menino que lho pedia. Não queria que tal acontecesse neste Natal. Por isso envio este cheque para que alguns meninos de Angola tenham um mimo que ponha um sorriso nas suas carinhas tristes.»

Outra mensagem, de Olhão, é extremamente saborosa porque portadora das «saudações cordiais de todos nós» e assumida pelos pais e pelos cinco filhos.

### «Réstea de Esperança»

Finalmente, esta, vinda do Tribunal da Relação de Lisboa:

«Passei por Angola, primeiro como militar, depois como Delegado do Procurador da República.

Por isso, tudo o que respeita àquele imenso território me interessa e me entristece, principalmente quando a fome e a guerra alastram por todo o lado.

A paz, tão ansiada por todos, principalmente por quantos sofrem na carne e na alma a sua ausência, parece estar à vista.

Deus o queira e o permita, porque os homens parecem ser impotentes para tão grande tarefa.

As Casas do Gaiato, naquele país, são ainda uma réstea de Esperança para quantos as procuram, com a generosidade que as inunda, mesmo quando de pão apenas exista o cheiro.»

Sim, não nos iludamos: É nesta «réstea de Esperança», na «generosidade que inunda», «mesmo quando de pão apenas exista o cheiro» — é nestes valores que temos de pôr a tónica das nossas preocupações e das nossas diligências. O pão é preciso, evidentemente. Mas é o mais fácil de vir quando existe alguém inundado pela generosidade — *antena* que capta e irradia.

Padre Carlos



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Panafiel  
Tel. (055) 752285-FAX 753799 — Corf. 502788998 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1299